

Mitos lendas e religiões: um diálogo interdisciplinar

Cláudia Regina Ziliotto Bomfá, João Alles Cardozo, Raquel Mota de Souza Bronzoni,
Fabio Henrique Corrêa, Giovana da Rosa Carlos

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM
Av. Roraima, 1000 – Santa Maria – RS – Brasil

claudiabomfaz@gmail.com

Abstract: *The present article reports the experiences elapsed on the extension project of the group Applied Social Sciences Tutorial Educational Program (PET CiSA) from the Federal University of Santa Maria, which addresses the knowledge and learning through teaching-research-extension. This project was developed in two institutions: on the first semester of 2018, at City Middle School Vicente Farencena, with two eighth grade classes, and, on the second semester, at State High School Professor Naura Teixeira Pinheiro, with one eighth grade class. The proposal was to discuss transversal social topics and the natural phenomena, with the mythological imaginary tool.*

Keywords: *extension, interdisciplinarity, mythology, education.*

Resumo: *O presente artigo relata as experiências decorridas no projeto de extensão do grupo Programa de Educação Tutorial Ciências Sociais Aplicadas (PET CiSA) da Universidade Federal de Santa Maria, que visa o conhecimento e aprendizado através de ensino-pesquisa-extensão. Esse projeto foi desenvolvido em duas instituições: no primeiro semestre de 2018, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Vicente Farencena, com duas turmas de oitavo ano, e, no segundo semestre, na Escola Estadual de Ensino Médio Professora Naura Teixeira Pinheiro, com uma turma de oitavo ano. A proposta era discutir temas sociais transversais e os fenômenos naturais, com a ferramenta do imaginário mitológico.*

Palavras-chave: *extensão, interdisciplinaridade, mitologia, educação.*

1. Introdução

O projeto de extensão Mitos lendas e religiões: um diálogo interdisciplinar integra uma pretensão maior de Popularização da Ciência que dialoga com várias áreas e usa os conhecimentos populares para recriar o saber, promovendo um diálogo com o universo do outro. Nesse sentido, a proposta é incorporar as graduações formadoras do PET CiSA, isto é, História, Meteorologia e Comunicação Social - Produção Editorial, em discussões pertinentes aos alunos do ensino médio e fundamental.

Para tanto, o alicerce procurado é o imaginário dos estudantes sobre mitos, lendas e religiões. O objetivo é ampliar a perspectiva que os estudantes têm sobre outras

civilizações, criando uma ligação de alteridade, a partir da curiosidade dos estudantes, e discutir questões pertinentes à sociedade fazendo um paralelo com a mitologia. Com esse intento, os integrantes se dividiram em temas, foram juntos nos primeiros encontros para conhecer as turmas e, nos restantes, majoritariamente, desenvolveram atividades individualmente com os estudantes.

No primeiro encontro, em todas as turmas da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vicente Farenzena e da Escola Estadual de Ensino Médio Professora Naura Teixeira, utilizamos representações na mídia para descobrir o nível de afinidade dos alunos com o tema. Ao mostrarmos várias crenças ao longo do globo, questionamos o conceito de “mito”, “lenda” e “religião”, para os alunos e como elas enquadrariam as suas crenças e a dos outros representados, adotamos um exercício de alteridade ao pensar como essas culturas definiriam a si próprias. Após as apresentações realizamos uma dinâmica, escrevemos as três características de deuses diversos no quadro, pedimos para que cada um revelasse com qual eles se sentiam mais representados. Escolhemos deuses que fugiam do centro greco-romano e com a narração dessas histórias os alunos se mostraram acessíveis aos próximos encontros.

2. Eixo gênero e lendas brasileiras

Com as turmas da Escola Vicente Farenzena, refletimos como era estruturado o poder nas sociedades e a questão feminina nos mitos. Sabendo que a fertilidade e as figuras femininas eram cultuadas, mostramos aos alunos diferentes deusas de diversas regiões. No livro “As Árvores Mães”, buscamos o conceito de Deusa-mãe, “Na maioria das civilizações pagãs as deusas são criadoras do Universo, geram a vida, a cultura, a agricultura, a linguagem e a escrita”¹.

Durante a narração de algumas histórias da mitologia greco-romana, pedimos para que eles realizassem a comparação dessas histórias com a realidade em que vivem. Foram pensadas com base no livro da autora Martha Robles², que reflete sobre valores atribuídos nas sociedades patriarcais e questiona estereótipos ao narrar lendas sobre heroínas ao redor do mundo. A autora reflete sobre o aperfeiçoamento interior, quando as mulheres se entendem e se aceitam, elas são capazes de exigir o respeito na sociedade. Por isso, mostramos aos alunos que a subjugação era um artifício para que homens e mulheres parassem de exigir esse respeito e todos deveriam se considerar belos e competentes.

Levando em consideração que durante o primeiro encontro constatamos que a turma em geral tinha um conhecimento prévio sobre a mitologia greco-romana, retomamos para evidenciar a diferença que o papel das deusas tiveram após a ascensão do patriarcado. Usamos exemplos como a deusa Eurínome que era o protótipo da deusa Mãe Criadora grega e a mais importante divindade dos pelasgos, o povo que ocupou a região da

¹ GUEDES, Maria Helena. *As árvores Mães !*. Vitória- Es: Clube de Autores, 2016, pg.10.

² ROBLES, Martha. *Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos*. São Paulo: Aleph, 2006, pg. 22

Grécia antes da invasão jônica e dórica e passou a ser só amante de Zeus com a ascensão do patriarcado.

Ao final, realizamos a mesma dinâmica com as duas turmas, escrevemos as palavras “feminino” e “masculino” separadas em uma linha divisória e pedimos para que eles dissessem uma característica que eles consideravam feminina e outra masculina. O objetivo não era forçar a fala e o pensamento deles, escrevemos tudo que foi dito por eles e só tivemos papel de mediadores na discussão. Na primeira turma os alunos logo disseram que não deveria existir as linhas e em sua maioria atribuíram a mesma característica para os dois gêneros. Após todos se manifestarem, questionamos como eles construíram as características e como a mídia mostrava essas características que são ruins para quem não se encaixa. Um aluno da turma concluiu que as características enquadradas no “masculino” ou “feminino” não estavam certas e nem erradas, que eram características humanas.

3. Eixo religiosidade e Egito

Realizamos na escola Vicente Farençena uma conversa com os alunos sobre alguns aspectos do Egito Antigo e do Egito Grego e Romano, abordando algumas de suas muitas características, religiosidades e composições. Em nosso primeiro momento na sala de aula todos nos receberam muito bem, tratavam-se de duas turmas de oitavo ano, que trabalhamos em momentos distintos com cada uma delas. A exposição foi pautada pelas ideias trazidas pelas alunas e alunos e a explicação tomou forma nas características históricas mencionadas por cada um deles.

Ao chegar na sala de aula escrevemos no quadro a palavra Kemet, que significa Egito na língua local, era o modo como os egípcios chamavam seu local de morada. Feito isso, foi perguntado para cada um dos alunos qual a primeira palavra que vinha a mente deles ao ouvirem o termo Egito. Muitas foram as respostas dadas: múmias, faraós, divindades, futebol, religião, Cleópatra, entre outros.

Depois desse momento inicial foi realizada a explicação de cada um dos tópicos apontados pelos alunos em aula. Tal explicação tentou adequar os conhecimentos adquiridos na Universidade com a realidade dos alunos, além de expor algumas temáticas mais aprofundadas sobre a história egípcia. Essa atividade propicia um exercício de alteridade ao abranger aspectos fundamentais da religiosidade de um povo. Além disso, consiste numa oportunidade muito proveitosa enquanto experimentação docente.

Na escola Naura Teixeira, os estudantes tinham menos convivências com as mitologias em geral e a metodologia foi trabalhar com a leitura para despertar a curiosidade dos estudantes. Desenvolvemos um projeto sobre a construção ideológica de heróis nacionais, levando em conta que o herói é uma pessoa extraordinária do ponto de vista de apenas uma versão da história. Foi apresentado aos alunos que pelo fato da história ser viva e construída todos os dias podemos questionar esses heróis e refletir sobre quem nós admiramos. O objetivo foi fomentar a leitura, debater sobre o que é um herói e dar visibilidade às mulheres com grandes feitos e lendas brasileiras.

Na segunda parte da aula ocorreu uma dinâmica que buscava dar visibilidade a duas categorias: lendas brasileiras e heroínas brasileiras. Para realização da atividade, utilizamos como ferramenta dois livros: “Extraordinárias: Mulheres que revolucionaram o Brasil” da editora Seguinte, que conta a história de diversas mulheres no Brasil com ilustrações que chamam a atenção dos alunos e o livro. “Nove monstros perigosos, poderosos, fabulosos do Brasil / Lendas folclóricas brasileiras”, da editora companhia de letrinhas, que já apresenta os personagens em forma de poderes e conta suas histórias. A turma foi dividida inicialmente em dois grupos e cada um dos grupos recebeu um livro.

4. Eixo respeito intelectual e sociedades pré-coloniais americanas

Em ambas escolas, pretendeu-se contrapor ideias que reforcem hierarquias entre grupos humanos a partir de critérios ocidentais modernos de tecnologia e religião. A partir desses tópicos, foi buscado provocar uma discussão acerca da inteligência, tanto a de outras populações (alteridade), quanto a dos próprios alunos. Isso, por entendermos a influência da classificação de crenças na construção do preconceito e intolerância religiosa, e, noutro âmbito, da auto percepção intelectual na elaboração da autoestima individual.

Para tanto, foi realizada na Escola Vicente Farenzena, uma exposição acerca de lendas da população mexicana, erroneamente denominada asteca, e apontamentos acerca da técnica de lascamento de núcleos para elaboração de lâminas líticas. Esses conhecimentos historiográficos e técnicos foram desenvolvidos ao longo das disciplinas de História da América Pré-Colonial e Arqueologia I. Sendo assim, procuramos efetivar uma socialização transformadora do conhecimento, assim como propõe Severino³ ao tratar de serviços extensionistas das Universidades.

Nessa atividade narrativa, o alunado se mostrou interessado no elemento fantástico e, posteriormente, na relativização da hierarquia intelectual ocidental. Com esse enfoque, realizamos o exercício de entender como o ambiente histórico-cultural dos mexicanos afetava sua religiosidade, assim como problematizamos o discurso civilizatório eurocêntrico que reelabora as culturas “clássicas” ignorando suas violências, ao mesmo tempo que discursa sobre a “barbaridade” alheia a partir desse tema, em especial.

Ulteriormente, ficou nítido que os grupos possuíam técnicas e conhecimentos adequados à sua realidade. Para isso, buscou-se um momento de simulação narrativa, ou seja, pedimos para que se imaginassem inseridos em grupos americanos pré-coloniais sem os conhecimentos naturais, geográficos, linguísticos, sociais e de produção dos grupos. Esse exercício de alteridade levou um aluno a dizer que “esses povos eram mais inteligentes que a gente”. Apesar dessa frase ser um avanço imenso frente aos absurdos retóricos ocidentais que apontavam e apontam a “anomias” desses grupos, ainda era hierarquizante, portanto, pedimos que não construísse tal escala de valores.

³ SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007.

Por fim, foi realizada, ainda na Escola Vicente Farenzena, uma discussão acerca da utilidade da História. Para que houvesse uma elaboração coletiva, os alunos justificaram-na em frases curtas oralmente, escritas no quadro, em seguida. Essa discussão proporcionou um momento de reflexão e valorização do estudo da alteridade no tempo.

No segundo semestre de 2018, na Escola Naura Teixeira Pinheiro, a atividade foi modificada, expandindo o elemento de narração. Sendo assim, buscamos desenvolver uma breve sessão de RPG⁴ (*role-playing game*), isto é, uma narrativa interativa em que os jogadores controlam seus personagens no enredo. Com vistas a permitir uma turma inteira articular esse controle, a turma foi organizada em dois grupos para coletivamente decidirem os rumos dos personagens na história. A história proposta foi a de um ataque mexica de captura de guerreiros de um grupo adversário, ambientado nas guerras floridas. Os conhecimentos articulados nessa construção de cenário partem dos textos de Soustelle⁵ e Vela⁶.

Após um combate narrativo, os inimigos foram levados à pirâmide conhecida em espanhol como Templo Mayor, o huei teocalli. Toda essa atividade foi guiada por imagens em um notebook, primeiro dos guerreiros que usavam vestimentas simulando jaguares da região, os cuauhtlocelotl, e, depois, da cidade de México-Tenochtitlán, a capital do Império Mexica. Grande parte dos alunos ficou espantado com a perspectiva de que culturas americanas pudessem construir edifícios tão grandes. Essa constatação é entristecedora

Mesmo assim, o enfoque não era que valorizassem essa experiência humana, a mexica, apenas por seu acervo tecnológico e arquitetônico, mas também por sua inteligência social, política, produtiva e artística. Ou seja, ampliar o viés, saindo da hierarquização para chegar em um respeito intelectual amplo. Essa discussão tomou um aspecto muito mais intimista que na outra escola, já que foi requisitado a redação de um parágrafo acerca de “onde investem a própria inteligência”. Essa pergunta gerou introspecção e manifestações de baixa autoestima intelectual, ao mesmo tempo em que cerca da metade da turma entendeu nitidamente a perspectiva ampla de inteligência proposta. Essa visão, aliás, se aproxima dos estudos sobre Inteligências Múltiplas de Howard Gardner.

5. Eixo ambiental e mitológico

O petiano do curso de Meteorologia realizou em ambas escolas a atividade com informações gerais sobre seu curso, abordando as áreas de atuação e os conhecimentos que os alunos já tinham. O interesse de alguns alunos foi despertando durante essa breve

⁴ *role-playing game*, um gênero de jogo no qual os jogadores assumem o papel de personagens imaginários, em um mundo fictício

⁵ SOUSTELLE, Jacques. *A vida cotidiana dos astecas nas vésperas da conquista espanhola*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1962.

⁶ VELA, Hugo Anibal Gonzales. *Sociedade e educação pré-hispânica: o caso dos astecas*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 1995.

apresentação. Após demonstrar o perfil geral da atmosfera, como temperatura e circulação de ventos, eles começaram a fazer várias perguntas, grande parte em relação a tempestades e catástrofes naturais. Os conceitos apresentados foram sempre relacionando às culturas antigas, abordando a questão de como as pessoas pensavam ser esses fenômenos na época e relacionando às divindades para justificá-los.

Inicialmente foram apresentados diversos deuses relacionados aos ventos, após isso, com a apresentação da formação de nuvens e os diferentes tipos, apresentamos os deuses relacionados à chuva. Os deuses do trovão vieram na sequência, onde gerou grande debate em relação ao que fazer durante uma tempestade de raios e quais os efeitos caso um raio caía sobre alguma pessoa. Por fim, apresentando sobre a formação de tornados, despertou um grande interesse devido a filmes onde viam a destruição e as notícias que só aconteciam em outros países, após a explicação sobre isso, foi apresentado os deuses de tornados e tempos severos e com isso, encerrado o encontro. Nesse sentido, a turma se manteve muito participativa com várias perguntas interessantes no decorrer do encontro, apesar de algumas conversas paralelas nem sempre sobre o assunto tratado.

Ao relacionarmos essas duas experiências, importa entender que na primeira escola, Vicente Farenzena, foi a primeira experiência naquela posição em aula, então houve um nervosismo e má organização no tempo, acabando a aula enquanto ainda apresentava os últimos dois slides, mas na segunda turma, já foi melhor aproveitado o tempo. Na segunda escola, o tempo foi maior, mas os alunos conversavam mais, no começo da aula foi um pouco difícil até eles pararem, foi preciso pedir para prestarem atenção e fazer silêncio duas vezes, mas depois fluíu bem a aula.

6. Diálogo e problemas de convivência na turma

Exclusivamente na segunda escola, Prof^a. Naura Teixeira Pinheiro, por motivos de uma maior disponibilidade de tempo, o grupo desenvolveu uma experiência dialógica em duas etapas, tendo o intervalo de uma semana entre elas. Essas atividades foram guiadas por levar em consideração a obra de Paulo Freire (2005), no tocante a valorizar o conhecimento dos alunos, passando por cima da alienação da ignorância, isto é, a ideia de que o outro não possui uma intelectualidade desenvolvida. Para isso, o primeiro encontro buscou a escrita coletiva em uma cartolina sobre questões que os fossem causa de “angústia” aos alunos.

De início, um problema de socialização foi detectado na turma durante a separação em dois grupos. Porém, durante as provocações da petiana e do petiano responsáveis, foi explicitado por parte de uma aluna as discordâncias, ficando subentendida a formação de espécies de “ilhas sociais” entre os grupos, por haver tais inimizades. Esses problemas de convivência emergiram ainda mais quando incentivados a serem discutidos as “angústias” que o grupo sentia. Aos participantes do PET o entendimento pretendido era o de “inseguranças”, porém no decorrer da atividade tornou-se o de “convivência nociva”. Isso foi constatado em dois dos três grupos formados. Um fator a ser considerado para a relevância dada ao tema na elaboração da atividade foi o petiano

buscar entender a problemática, logo incentivá-la, já que no terceiro grupo não foi pontuada essa questão, apesar de constatar sua existência.

Todavia, a atividade não se restringiu a adjacências do problema, já que as cartolinas foram preenchidas com uma série de questões sociais cotidianas dos alunos. Esse exercício também chamou muita atenção por outros motivos, já que abordava aspectos de preconceitos e saúde mental. Essa atividade ressaltou, ainda, a importância da instrumentalização conceitual, por seu poder ferramental de facilitar a análise, como, por exemplo, o conceito sociocultural gordofobia, o qual foi apresentado aos alunos durante o diálogo e, em posse dessa definição teórica, o debate sobre a problemática foi melhor direcionado.

No segundo encontro optamos por aprofundar a discussão sobre os problemas internos da turma. Essa escolha se deu para desenvolver o diálogo a partir dos temas disparadores propiciados na última atividade e por valorizarmos os problemas de convivência que poderiam vir a impossibilitar trabalhos em grupos grandes. Seu desenvolvimento articulou uma exposição sobre orgulho, arrogância e empatia com as respostas dos alunos à pergunta: “o que pode motivar um comportamento arrogante?”.

Em folhas de caderno, a turma respondeu de diversas maneiras, majoritariamente redigiu respostas curtas que entendiam essa postura como uma espécie de estratégia de defesa sentimental, lançando diversos sofrimentos como provocadores, alguns inclusive pautaram perspectivas psicológicas clínicas como traumas. Essa atividade tinha como objetivo final um exercício de empatia que discutisse uma das principais acusações difusas da sala, a “arrogância”. Por fim, uma autocrítica coletiva foi propiciada, em que diversos se posicionaram como reconhecidamente “arrogantes”. Essa atividade não pretendia acabar com os embates, mas sim promover um momento de reflexão e introspecção coletiva.

7. Considerações

No decorrer do ano de 2018, construímos um diálogo com os estudantes que transpõe os objetivos do projeto, em contrapartida tivemos um déficit em partes do conteúdo que pretendíamos abordar, como a construção da cultura afro-brasileira e formas de combater esses preconceitos em torno dessa temática. Os mitos serviram como ferramenta tanto para discutir civilizações tanto para que os estudantes se pensassem como indivíduos ativos na história, que constroem e assimilam suas próprias crenças, assim como todo resto do globo. Outro ponto abordado foi tematizar fenômenos naturais de uma forma que os estudantes compreendessem as formações climáticas e aprendessem sobre o curso de Meteorologia de uma forma integrada com as discussões feitas nos encontros anteriores realizados por outros integrantes do PET CiSA. Nós petianos participantes do projeto, conhecemos mais sobre os alunos, dialogamos sobre as questões pertinentes ao cotidiano desses estudantes e conversamos sobre vivências que os afligiam.

Nas duas primeiras turmas da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vicente Farenzena, os alunos criaram seus próprios heróis com folha A4 e canetas, lápis, etc. Os resultados parciais foram apresentados na Jornada Acadêmica Integrada (JAI) da Universidade Federal de Santa Maria. Na Escola Estadual de Ensino Médio Professora

Naura Teixeira Pinheiro, os alunos criaram dois cartazes que foram expostos na escola sobre uma mulher que fosse significativa para eles (os alunos escolheram a futebolista Marta Vieira da Silva) e sobre dar visibilidade às lendas brasileiras (Pé de Garrafa e o Curupira). Consideramos que o processo se tornou uma troca positiva entre a Universidade e a sociedade e dessa forma, pretendemos continuar no ano de 2019.

Referências

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos**. São Paulo: Aleph, 2006. 22
- SOUZA, Flavio de. **Nove monstros perigosos, poderosos, fabulosos do Brasil / Lendas folclóricas brasileiras— 1ª ed.** — São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Cortez, 2007.
- SOUSTELLE, Jacques. **A vida cotidiana dos astecas nas vésperas da conquista espanhola**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1962.
- SOUZA, Duda Porto de; CARARO, Aryane. **Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil.** — 1a ed. — São Paulo : Seguinte, 2017.
- CANDIDO, Daniel Henrique. **Mitologia e climatologia: um estudo das divindades relacionadas a tempos severos**. Revista Brasileira de Climatologia. Campinas, Vol. 11, n.8, p.42- 55, JUL/DEZ 2012.
- VELA, Hugo Anibal Gonzales. **Sociedade e educação pré-hispânica: o caso dos astecas**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 1995.